

O COMUNISTA



Órgão e propriedade do Partido Comunista (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

Redactor principal:

J. CARLOS RATES



Publicação

quinzenal

Redacção e administração:

Rua de Ceada das Antas, 51 r/a

Composição e impressão:

R. da Procição, 75, 1.º-7.º de Junho, 1923

PROPRIEDADE DO
Centro Comunista de Lisboa

Editor
JOSE RODRIGUES

PORTUGAL E HESPAHHA

Expuzemos no numero anterior alguns aspectos do problema iberico na hipotese d'um movimento revolucionario que determinasse o isolamento economico da península transpirenaica.

Sob o ponto de vista alimentar, essa situação seria perfeitamente sustentavel, mediante as seguintes condições:

1.º — Se o abalo revolucionario não desorganisassem a produção, fazendo-a baixar a quantidades inferiores ás atuais.

2.º — Se a distribuição obedecesse ao principio das restrições necessarias e não ao principio comunista do consumo á vontade.

Mas as Revoluções — já o disse Trotski — são empresas dispendiosas de transformação economica.

A Rússia ao fim de cinco anos de Revolução não atingiu mais de 25 % da sua produção industrial e 75 % da sua produção agricola, não obstante ter já exportado no ano preterito 180 milhões de quilogramas de trigo. A influencia do abalo revolucionario assinala a queda da produção até ao fim do quarto ano e só depois revela indicadores de melhoria. De facto, a produção agricola de 1922 acusa um aumento de 14 % sobre a produção do ano anterior e a produção industrial acusa um beneficio muito mais animador, de 38 % sobre a produção de 1921.

Poderemos alimentar a ilusão de que as cousas na península se passem d'uma maneira diferente?

Certamente, nós desejaríamos efectuar a socialização dos transportes e da grande industria, gradual e metodicamente. Socializados os transportes acelerados e postos a funcionar com regularidade, lançar mo-nos depois á moagem, depois ao textil, depois á metalurgia, depois ás conservas, ás cortiças, etc., concentrando o mais possivel a laboração destas industrias e deixando á iniciativa particular a pequena industria, que, na expressão feliz de Boukharine, não será mais do que um peso morto nas nossas mãos.

Mas poderemos fazer este trabalho com segurança e tranquillidade? Tudo indica que não. Por um lado o proletariado das cidades, privado de vicios de educação, não se subordinará de inicio a nenhuma regras de trabalho metodico e ordenado; por outro, a burguezia, não assistirá re-

signada a uma socialização gradual e sabotará a produção.

As necessidades politicas sobrepondo-se ás indicações do saber economico, forçá-nos-hão a vibrar golpes violentos e todo o aparelho complicado da produção cairá em nosso poder sem termos previamente creado as condições para regularisá-lo e desenvolvê-lo.

Assim, sob o ponto de vista industrial, tudo terá que começar de novo.

Sob o ponto de vista agricola o problema é duma maior simplicidade. No campo, a propaganda anarco-sindicalista não pode fructificar e não fructificará nunca. Ao primeiro alarme da queda da burguezia nas cidades, o camponez apossar-se-ha da terra. Bem entendido, o camponez não procederá assim para servir a Revolução mas para servir-se a si. E que outra solução poderia adotar-se se na península iberica existem cerca de 4 milhões de pequenos proprietarios rusticos e os operarios agricolas que não são proprietarios não tem outra ideia dominante que não seja a posse da terra?

Desta maneira não temos duvida em afirmar que a produção agricola da península duplicará, talvez. Vastos tratos de terreno entregues á cultura extensiva e os pousios encontrarão um melhor aproveitamento no usufruto directo do camponez que se não limitará a trabalhar as 8 horas por dia mas trabalhará 12 ou 15, tanto quanto puder, desde que possa dispor livremente dos productos que excederem as suas necessidades de consumo.

O camponez, porem, não largará de mão os productos se não em troca doutros valores. Estes valores permutaveis terá de fornecê-los a industria. E estará ella apta a fornecer todos os valores de troca? Portugal e Hespanha são dois paizes de feição agricola predominante. Hoje mesmo, em regimen normal de produção capitalista, a produção industrial está longe de atingir a cifra da produção agricola, nos dois paizes. O que sucederá amanhã com as industrias desorganizadas?

E o problema da revolução iberica tem ainda outros aspectos, que analisaremos, não menos curiosos e inquietantes. O que importa não é amedrontarmo-nos com eles; é encontrá-los a solução e, uma vez achada, pô-la em pratica com inabalavel resolução.

J. Carlos Rates

Sumario

Portugal e Hespanha

J. Carlos Rates

Como atingir o socialismo?

N. Lenin

A frente unica do proletariado

G. Zinoviev

Para onde vai a Europa?

J. Carlos Rates

A Internacional Comunista

A. Neurath

Teorias e factos

Ferreira Fontes

A Conferencia Internacional dos Transportes

O movimento operario e sindical

O programa de acção do Partido Comunista

Organização comunista, meios e fins

AS RIQUEZAS DA RUSSIA

Descoberta de importantes jazigos de ferro

A anomalia magnetica de Koursk — onde a bussola sempre se mostra desregada — explica-se presentemente pela descoberta de minerios de ferro incomensuravelmente ricos situados a uma fraca profundidade. Resta estabelecer o seu valor tecnico. Seis aparelhos de sondagem ultimamente recebidos do estrangeiro foram para Koursk. Daqui a dois meses conhecer-se-hão os seus resultados precisos.

Os especialistas afirmam que o aspecto geologico da região lembra o da bacia de Krivoy-Roy, cujo ferro, é de primeira qualidade. O ferro de Koursk encontra-se a 8 metros de profundidade. A composição do solo permitirá extrahí-lo sem difficuldade.

Avalia-se a superficie ocupada pelos jazigos do minerio ferreo em mais de 250 quilómetros quadrados. Ignora-se por enquanto a sua possança. Mas desde já podemos concluir que a Rússia está actualmente de posse de reservas de minerio de ferro que podem ser classificadas como as mais consideraveis do universo. A sua situação geografica entre as bacias de carvão de bulha do Donetz e da provincia de Moscon facilitarão muito a sua exploração.

O MOVIMENTO OPERARIO E SINDICAL

TEORIAS E FACTOS

X

Portugal — De notavel nos ultimos quinze dias ha a constatar a terminação da greve dos textis da Covilhã que retomaram o trabalho sem condições. A greve prolongou-se por quasi dois meses mostrando os grevistas uma resistencia digna de melhor sorte. A greve foi lançada num momento inoportuno pois as fabricas covilhanenses estavam a braços com a existencia de grandes stocks de fabricação.

Bulgaria — Na Bulgaria com uma população de 4.800.000 almas 80 por cento emprega-se sobretudo na agricultura. A cultura faz-se sobretudo por metodos puramente extensivos e só ha pouco tempo se começaram a introduzir as maquinas agricolas. Oficialmente o numero dos trabalhadores agricolas é de 150.000, subindo com os membros da sua familia a 210.000. Estes trabalhadores acham-se dispersos em grupos de um, dois ou tres em 95.000 herdades pequenas e medias e deslocam-se constantemente dumas para as outras. No país o numero das grandes propriedades é muito reduzido.

Até 1914 os trabalhadores agricolas não tinham qualquer organização sindical. Só em 1919 se fundaram algumas organizações locais e num congresso em 1920 se constituiu a Federação bulgara dos operarios e operarias da agricultura, das vinhas, das florestas e dos jardins. Esta Federação que conta atualmente cerca de 1.000 membros desenvolve-se difficilmente em virtude da mobilidade e da dispersão da sua população. As condições de trabalho destes operarios são miseraveis. As suas habitações são insufficientes e anti-higienicas. O tempo de trabalho é limitado atingindo muitas vezes no verão 18 e 20 horas. Os salarios são infimos. Apesar de tudo, a Federação durante o suo passado conseguiu levar a bom termo, 8 greves.

É bom recordar que o governo bulgaro, sobretudo depois das recentes eleições á Sobranie (parlamento), está nas mãos do partido rural, isto é, do partido dos proprietarios rurais que se servem do poder para melhor explorarem os seus operarios.

Grecia — O movimento sindical grego iniciou-se com a reunião do 1.º congresso em 18 de dezembro de 1922, que adotou os principios da luta de classes e resolveu crear a C. G. T. Os amarelos ao iniciarem o movimento, em vista da sua influencia, tentaram colocar a C. G. T. sob o patronato do Venizelos, o que deu lugar a lutas entre amarelos e vermelhos conseguindo estes manterem-se na direção da Confederação até ao 2.º congresso em setembro de 1923.

Os amarelos que dispunham de alguns sindicatos compostos por um numero infimo de operarios dos postos e apoiados por Venizelos tentaram fundar uma Confederação amarela. Fundaram o jornal «Amin» mas não encontraram apoio na massa.

Em 1922 a C. G. T. grega compunha-se das federações dos tabacos, dos maritimos e trabalhadores das docas, dos electro-quimicos, dos padeiros e dos transportes, num total de cerca de 37 mil membros, alem de numeros sindicatos agrupados em 15 Boisas de Trabalho.

A federação postal, fundada em 1919, não aderente a C. G. T. Entretanto, algumas seções estão sob a sua influencia.

Na Grecia ha 150 a 200 mil operarios e empregados, sendo 36 mil o numero dos operarios industriais. A C. G. T. compreende um numero redondo de 40 mil aderentes.

O movimento sindical dispõe dos seguintes orgaos: ferro-viarios (34000 ex.); tabacos (3000 ex.); correios e telegrafos (2000 ex.).

O orgão central do partido comunista *Stiposistia* é tambem o orgão da C. G. T. a qual colabora em constante contacto organico e moral com o partido. A indagação dos operarios contra a guerra e contra o encurtamento da vida deram lugar em 1921 a um grande movimento grevista e a uma grande reacção do poder que se manifestou pela utilização dos transportes, prohibição dos congressos das federações sindicais e da Confederação. Os esforços do governo Gougnaris tentaram a dissolver os sindicatos, as perseguções, as prisões e finalmente a actividade incansavel dos comunistas nos sindicatos, contribuíram muito para apertar ainda mais os laços existentes entre o movimento sindical e o partido. Em janeiro de 1922, as federações do tabaco, maritimo, e dos transportes realizaram uma

convenção em que se comprometeram em não transportarem tabaco em bruto sem consentimento da federação do tabaco.

Numa conferencia convocada pela C. G. T. em que tomaram parte todas as federações, incluídas as dos funcionarios não aderentes á C. G. T. foi repellido o convite do governo para enviar delegados ao Secretariado Internacional em Genova. Os pretensos delegados enviados pelo governo, foram declarados traidores á classe operaria, recusando-se os maritimos transportadores da Italia para a Grecia.

China — Na sessão do Comité Executivo da I. S. V. em 6 de Abril, o delegado chinês apresentou um relatório sobre a situação do movimento operario na China, do qual extraimos as informações que se seguem:

Na China o movimento sindical desenvolve-se em excelentes condições. A mais forte organização é a dos ferroviarios com 25.000 aderentes numa população de 85.000 membros para todo o país. Na China ha atualmente poderosos centros sindicais. Assim em Hankoo, ha atualmente 25 Federações de Industria com 40.000 cotistas e dirigidas por comunistas. Em Hunan, ha 14 organizações com 32.000 aderentes entre os quaes 15.000 mineiros. Em Shanghai existem organizados 18.000 operarios textis e dos tabacos.

Em 1 de fevereiro deste ano os ferro-viarios da linha Pékin-Hankow realizaram uma conferencia, onde se fizeram representar 80 delegados desta linha e 90 doutras organizações. Foi esta conferencia que decidiu a greve iniciada em 6 de fevereiro ultimo e que terminou por um verdadeiro massacre.

luta contra o analfabetismo na Russia

O 2.º Congresso pan-russo para a liquidação do analfabetismo na Russia acaba de reunir em Moscou.

O Congresso, no qual participaram delegados de todas as provincias da Russia, decidiu que todos os cidadãos das Republicas Sovieticas, de 18 a 35 anos de idade, deveriam, em 7 de novembro de 1927, data do décimo aniversario da Revolução, saber ler e escrever.

Para este efeito um vasto plano foi elaborado por uma Comissão Central. Esta Comissão propõe-se, com o auxilio dos sindicatos e das juventudes comunistas, acabar a sua tarefa no estio de 1925.

O analfabetismo é profundo na Russia, atingindo milhares e milhares de pessoas. Nas republicas federadas o numero de iletrados, de 11 a 40 anos, eleva-se a cerca de 27 milhões. Só na Republica russa, não compreendendo a Ucrania, o Caucaso, etc., as estatísticas de 1920 accusam 17 milhões de iletrados (8 milhões de homens e 13 milhões de mulheres) a quasi totalidade pertencendo ás populações rurais. A media dos iletrados nos sindicatos atinge 15 %. Certos sindicatos tem uma percentagem de iletrados excessivamente elevada: o dos couros e peles 50 %; o dos mineiros 60 %; o dos operarios agricolas e florestaes 80 %; as juventudes comunistas registam 10 % de iletrados.

A decisão do 2.º Congresso pan-russo para a liquidação do analfabetismo deve ser considerada como um facto historico de excepcional relevo. E todas as organizações de massas, o P. C. as J. C. e os sindicatos, estão empenhados em extirpar o cancro do analfabetismo que consideram um dever urgente e sobremaneira importante para o Estado proletariano.

O sistema vampirico da sociedade em que vivemos, levando a tarracha da sua uxura ao ultimo grau de aperto, fez com que a classe operaria, para não morrer de fome, se organizasse fora dos moldes pelo Estado estabelecidos e encetasse contra as classes exploradoras uma luta de vida ou de morte.

Confiados no seu novo método: — o sindicalismo revolucionario, e esperanças na eficacia de suas novas armas: *sabotage, boycottage* e a greve geral, os militantes ou dirigentes das classes trabalhadoras nem sequer se aperceberam que a burguezia, alem dos meios economicos e coercitivos que possuia quando nos obcecamos pelas modernas modalidades da luta, outros viria a crear e a desenvolver, conseguindo com tais recursos, entrar com facilidade os impetus mais violentos, da nossa reacção formidavel.

De tal leviandade ou falta de preservação, da nossa parte, resultou a esterilidade mais retumbante de dez anos de lutas e de sacrificios.

É certo que temos criado no campo economico, um partido consideravel em numero e até em qualidade, fora de qualquer escola politica burguesa. Porém, os beneficios provindos dum tão grande esforço expendido, não correspondem á nossa expectativa iludida.

Ha classes que tem as oito horas de trabalho, unica reivindicação menos susceptível a degenerar-se, mas, como se alimentam elas em comparação de quando trabalhavam doze e quinze?

Os trabalhadores portugueses que ha uma dezena de anos produziam para nutrir do necessario á vida e ao gozo, meio milhão de parasitas, disseminados pela aristocracia, pelo exercito, pela burocracia, pela religião, etc. etc., e que no actual momento produzem para um numero trez vezes maior destes sanguugas que nada fazem de util; dispendo-se como é notorio dos mesmos acanhados meios de produção de ha vinte anos; não o poupando as classes parasitarias que possuem a mola real do usufruto, que é o dinheiro, quem sofre as consequências da inevitavel perturbação? Nós, os que trabalhamos e nada temos.

Urge pois pôr-se um dique a este pernicioso estado de coisas. O sindicalismo, ou seja, a associação dos trabalhadores por classes ou officios, para resistirem á exploração patronal, com quanto a julgamos necessaria e util, não a reputamos bastante. «Façamos por nossas mãos, o que a nós nos diz respeito». Ora o que a nós nos diz respeito e devemos fazer no mais curto prazo de tempo, é governarmos-nos a nós mesmos.

O sindicalismo, a despolio da obcecção profundissima de certos elementos que teimam em affirmar-o com capacidade para desconjuntar e absorver toda a acção politica governamental, não é mais do que um simples método de reivindicação economica dentro dos proprios estados politicos governamentais, e que por elles vive e se nutre, e á falta dos mesmos morreria ou teria de ser radicalmente transformado.

A CONFERENCIA INTERNACIONAL DOS TRANSPORTES

Teve lugar esta importante conferencia em Berlim nos dias 23 e 24 de Maio. Foi convocada pelos representantes da F. I. O. T. e pelos sindicatos pan-russos dos operarios dos transportes, após negociações prévias entre estas duas organizações.

Nesta conferencia fizeram-se representar a Inglaterra, a Holanda e a França e as agremiações dos operarios dos transportes ferroviarios e maritimos.

As questões tratadas em 5 sessões comuns e numa série de sessões de comissões, foram as seguintes:

1.º Luta contra a guerra e contra o perigo de guerra.

2.º Luta contra o fascismo.

3.º Frente unica dos operarios dos transportes e respectivas organizações filiadas tanto na F. I. O. T. como na Sindical Vermelha.

4.º Criação de um fundo de auxilio aos operarios dos transportes perseguidos pelo fascismo.

5.º Fusão das organizações sindicais e reintegração dos sindicatos e grupos excluidos nos diversos paizes.

6.º Convocação e organização dum congresso internacional dos sindicatos dos operarios dos transportes.

7.º Apelo a todas as federações sindicais internacionais com o fim de levar a cabo a frente unica de toda a classe operaria.

Nos discursos de abertura da Conferencia todos os oradores como Fimmen, Döhring, Bidegaray, Lozovski, Andrejev, etc., reconheceram a necessidade imprevel da rapida formação da frente unica dos operarios dos transportes. A discussão e a troca de mutuas informações entre os delegados permitiram afastar um bom numero de mal entendidos que ainda existiam.

Nomearam-se varias comissões para discutirem os diversos pontos da ordem do dia e preparar o texto das resoluções a submeter á conferencia para adoção definitiva.

Como conclusões dos seus trabalhos a conferencia adotou as seguintes resoluções:

1.º Lançar um apelo para a luta contra guerra em nome da Conferencia.

2.º Lançar um apelo para a luta contra fascismo.

3.º Fundar um Comité de ação comum para realizar a frente unica dos operarios dos transportes e dirigir a luta contra a guerra, o fascismo e a reacção.

4.º Publicar um comunicado sobre a reacção deste Comité de ação.

5.º O programa elaborado pela Comissão especial, fixando o metodo e os meios de acção a pôr em pratica contra o fascismo e contra o perigo de guerra foram votados unanimemente. Este programa de acção será submetido por uma delegação da F. I. O. T. ao seu Comité Executivo afim de ser ratificado.

6.º Fundar um fundo de socorro ás organizações dos operarios dos transportes perseguidos pelo fascismo e em particular correr e reorganizar os sindicatos dos operarios dos transportes de Italia.

7.º Convocar para o proximo outono, um congresso internacional dos operarios dos transportes de todos os paizes e de todas as tendencias com o fim de se levar a efeito a formação da frente unica. O Comité de ação foi encarregado de tomar as necessarias medidas para organizar este congresso.

8.º Explicar numa resolução a necessidade da frente unica dos operarios dos transportes.

A Conferencia caracterizou-se mais pela acção do que pelas palavras e dominou-a do principio ao fim a vontade de trabalhar eficazmente com o fim de preparar a acção comum dos operarios dos transportes, esforçando-se todos por resolverem os graves problemas da ameaça de guerra e da ofensiva capitalista.

Os discursos de Williams presidente da F. I. O. T. (Inglaterra); de Fimmen, secretario da F. I. O. T. (Holanda) e de Lozovski, encerraram a conferencia exprimindo a sua satisfação pelo trabalho realizado e pelas resoluções adoptadas, sublinhando a excepcional significação desta Conferencia não só para os operarios dos transportes, como para todo o movimento sindical.

A Internacional Comunista como organização mundial do proletariado

A I. C. prova cada vez mais que é uma organização mundial solida das massas proletarianas.

Tendo nascido na época da crise da ordem capitalista, no fogo da guerra imperialista, e temperada na actual guerra civil, transformou-se na Internacional da acção guiando todos os movimentos revolucionarios poderosos.

Como Marx e Engels, no Conselho Geral da 1.ª Internacional, os chefes da 3.ª Internacional procuram influenciar o movimento revolucionario nascente em todos os Estados capitalistas em decomposição. E, da mesma forma que durante o século passado os chefes da burguezia fizeram córo contra os fundadores da 1.ª Internacional, Marx e Engels, os atizes renegados da luta de classe e os dirigentes capitalistas aliam-se contra as «ordens de Moscou».

A 1.ª Internacional, agrupava somente um numero relativamente restrito de militantes revolucionarios. O desenvolvimento capitalista ainda não era muito avançado tanto na França como na Alemanha. O proletariado industrial era ainda fraco. Em 1800, Lassalle qualificava como uma esperança ousada conduzir 10000 operarios organizados na luta de classes. Mas Marx e Engels proseguiram na tarefa traçada que consistia em fazer da 1.ª Internacional uma organização da luta de classes revolucionarias.

A 3.ª Internacional nasceu da queda da ordem economica capitalista. A 1.ª devia morrer na época da subida, do desenvolvimento do capitalismo europeu.

A 2.ª Internacional, fundada em 1889, agrupou, pouco a pouco, alguns milhões

de operarios. Mas rapidamente se transformou em prisioneiro da classe reinante e finalmente revelou-se como a Internacional das demonstrações, das resoluções e das frases ócas. O cretinismo parlamentar, atingiu no seu tempo, o seu apogeo. E ela viu-se forçada a confessar a sua fraqueza e a sua impotencia nas horas criticas do movimento operario.

A 3.ª internacional é o chefe do proletariado mundial na luta decisiva entre o capital e o trabalho. E' debaixo da sua bandeira que se agrupam, se desenvolvem e se organizam sistematicamente todos as forças revolucionarias. E é sob a sua direcção que as massas hão-de vencer.

Os laços entre os movimentos dos diversos paizes e a Internacional Comunista todos os anos mais se apertam, assim como os existentes entre o Executivo e as suas secções; a sua influencia sobre os processos taticos de todos os partidos comunistas aumenta rapidamente.

A experiencia pratica e teorica dos chefes revolucionarios russos, transforma-se no bem comum de todo o movimento operariado internacional. A Russia dos Sovietes, a Revolução e o partido comunista russos muito tem dado ao proletariado mundial. As energias revolucionarias insufladas ao mundo inteiro pela Russia sovietista fizeram nascer forças donde tiram igualmente proveito tanto os operarios como os camponeses russos. O desenvolvimento da luta de classes nos Estados capitalistas influe sobre a Russia dos Sovietes cuja situação politica e possibilidades de desenvolvimento economico depende em muito da força e da união dos movimentos revolucionarios dos outros paizes.

E' necessario desenvolver cada vez mais esta vontade das massas revolucionarias da classe operaria de todos os paizes e agrupar metodicamente na luta contra a burguezia todas as forças do proletariado internacional.

A. Azevedo

O que são as intervenções

Por lapso de paginação deixou de sair no numero anterior o final do artigo do camarada Carlos d'Arvalho, o que de certo modo prejudicou o referido artigo.

Damo-lo a seguir:

Querem os operarios portugueses rasgar e amarranhar as brilhantes paginas escritas com o seu sangue em tão heroicos combates de conquista e defesa das suas liberdades mais queridas, ligando-se a tão duvidosos elementos provocando inconscientemente uma revoltante scisão neste momento em que a frente unica de todos os trabalhadores tem que ser uma realidade bem visivel?

Não, tal não acontecerá, custe o que custar, porque embora a C. G. T. desentrevista a mais faciosa propaganda, ocultando aos olhos dos trabalhadores os principios que norteiam a I. S. V., publicando e enviando para os sindicatos ordens de serviço, como a celebre circular 32, o operariado português, mantendo bem alto o pendão rubro da revolução proletariana, exigirá a convocação imediata de um congresso operario, dando como seia e de nenhum efeito a já celebre ordem n.º 32. Mas até lá, é imprescindivel uma intensa propaganda de elucidación para que os trabalhadores portugueses não sejam enganados conscientemente.



Como atingir o socialismo?

O elemento que domina hoje a Rússia é o capitalismo pequeno burguês. Há um único caminho que, partindo desse capitalismo, vai dar ao mesmo tempo, ao grande capitalismo d'Estado e ao Socialismo. Esse caminho passa por uma única e mesma estação intermédia: «Estatística e fiscalização nacionais da produção e da distribuição». Aquele que não compreende esta verdade, comete um imperdoável erro económico, ou porque ignore os factos reais, ou porque não veja as coisas como elas são ou porque não saiba olhar de frente a verdade ou ainda porque se limite a opôr abstratamente o «socialismo ao capitalismo» sem profundar as formas e graus concretos porque se opera, entre nós, a transição dum para o outro.

Para que o leitor não suponha que a minha apreciação sobre o capitalismo d'Estado foi imaginada para as necessidades da causa em discussão, e para que veja que já antes da conquista do poder pelos bolcheviques eu pensava da mesma forma, eis uma passagem da brochura «A catástrofe eminente e como combatê-la», que escrevi em setembro de 1917:

«Tentámos pôr, no lugar do Estado capitalista dos *junkers*, ou do Estado capitalista dos grandes proprietários rurais, o Estado democrático revolucionário, isto é, destruindo revolucionariamente todos os privilégios e não receando realizar,

revolucionariamente, a mais absoluta democracia. E veremos então que o capitalismo de Estado, monopolizador, junto a um regime verdadeiramente democrático e revolucionário, representa necessariamente um progresso para o socialismo.

Com efeito, o socialismo nada mais é do que uma etapa que se segue ao monopólio capitalista d'Estado.»

É conveniente observar que as linhas antecedentes foram escritas sob o governo de Kerensky e nelas não se fala em ditadura do proletariado nem em nenhum Estado socialista, mas tão somente num «Estado democrático revolucionário». Não vos salta á vista que, tendo nós politicamente ultrapassado aquele estado e, por conseguinte, realizado completamente nos Sovietes o Estado socialista e a ditadura do proletariado, não teríamos desculpa se nos amedrontássemos ante o capitalismo d'Estado?

¿Não está a vêr-se, com toda a clareza também, que sob o ponto de vista material, económico, industrial, nós nem mesmo chegámos a atingir a ante-câmara do socialismo: o capitalismo d'Estado? E finalmente ¿não vêdes que sem passar por essa ante-câmara, que ainda não atingimos, nós é impossível atingir o socialismo?

N. Lenine

A frente única do proletariado

No movimento operário internacional produzem-se atualmente certos fenómenos moleculares que despertam a atenção do observador curioso. Lentamente, com certa dificuldade, mas com segurança, um reagrupamento fundamental das forças operárias se prepara no seio do movimento sindical internacional. Foi o que mostrou a evidência a conferência internacional dos operários dos transportes que terminou por um acordo entre os partidários da Internacional Sindical Vermelha e da Internacional de Amsterdam. E prepara-se um acordo idêntico para os metalurgistas das duas correntes sindicais. Este facto novo é preciso não perde-lo de vista e apreciá-lo como merece.

A novidade deste fenómeno consiste em que a maioria dos operários organizados da Europa Ocidental não estão de alma e coração com os sociaes democratas, não obstante as ligações oficiais pre-existentes. A simpatia desses milhares de operários é para nós que se encaminha. A ligação das grandes massas operárias com os sociaes-democratas não está presa senão por um fio. Não vem longe o dia em que este fio se quebrará.

A conferência internacional dos operários dos transportes que marca o começo da realização da frente única da I. S. V. e dos melhores elementos de Amsterdam teve lugar precisamente no momento em que todos os chefes e notariédades das internacionais de Londres e de Vienna, reunidos em Hamburgo, declamavam im-

properios contra os comunistas, estes inimigos jurados do regime capitalista.

Os chefes da Internacional de Amsterdam são do mesmo quilate que os declamadores de Hamburgo.

Em todo o caso o que domina em Amsterdam são os operários e não será difícil a estes, quando o queiram, chamar ao sentimento das realidades os chefes transviados.

Não temos nenhuma razão para modificar as nossas relações com a Federação de Amsterdam mas isso não nos impede de aplaudir calorosamente aqueles que a ela pertencendo pretendam subtraírem-se á influencia dos *leaders amarelos*, juntando-se aos sindicatos vermelhos para combater a burguesia.

Repetimo-lo: qualquer causa de novo se elabora nas profundezas do movimento operário internacional. Agucemos a nossa atenção, observando o que se passa. Façamos de nossa parte todo o possível para se chegar a uma união real com os operários de Amsterdam.

O êxito do congresso internacional dos operários dos transportes é o começo da realização da frente única em larga escala. Estamos em bom caminho. A tática da frente única corresponde inteiramente á situação complexa do momento operário atual. Reforçar, desenvolver e precisar melhor a tática da frente única, adapta-la á situação de cada país ou de cada organização, tal é a tarefa dos comunistas.

Um facto novo surgiu, não tenhamos

duvida. Este facto novo que anima e fortalece o movimento operário internacional é qualquer coisa que merece as nossas mais vivas felicitações e que impõe o cuidado do nosso estudo.

G. Zinoviev

As adesões a Berlim

É singular como alguns sindicatos operários se tem resolvido a adesão á Internacional de Berlim.

Em certos sindicatos as Comissões Administrativas tem-se dispensado de convocar as assembleias geraes, limitando-se a comunicar á C. G. T. a adesão a Berlim.

Estes censores dos políticos, que são os anarco-sindicalistas, não fazem senão política e política baixa. O que eles estão fazendo, país em fóra, com a questão das internacionais, é uma copia servil da politiquice a mais abjeta e condenável.

Autonomia sindical? Eles falam nisso mas não pensam em segui-la e acatá-la.

Ditadura do proletariado? Nada, não queremos. E não passa um dia ou uma hora que eles não cometam atos ditatoriais, pequeninos, é claro, como a pequenez da sua inteligência.

E pensarão eles que gosarão dum triunfo duradouro? Onde estão as suas ideias de reorganização futura? Alguem viu já que eles se empenhassem a sério no estudo de algum dos numerosos problemas que ha a resolver no amanhã da Revolução?

Impenitentes palavrosos, cujos atos são a mais flagrante contradição das suas afirmações.

A EGREJA NA RUSSIA

O primeiro concílio da igreja russa renovada terminou recentemente. A dizer a verdade, não estamos em presença duma revolução na igreja, nem sequer duma reforma muito importante, mas antes perante uma luta de duas tendencias na igreja ortodoxa.

O movimento chamado «renovador» pretende simplesmente renovar a igreja com o fim de a manter. É para notar que o concílio só admitiu determinados grupos da esquerda, como a chamada *Livre Igreja do Trabalho*. Estamos portanto na presença dum partido religioso liberal na igreja oposto ao antigo partido reaccionario incarnado pelo patriarca Tikhon. O movimento renovado é o resultado da evolução psicologica observado durante os ultimos anos nas classes médias das cidades e, parcialmente, nos campos. Enquanto o poder dos Sovietes parecia fraco, estas classes pensavam numa restauração capitalista. Mas á medida que este se foi tornando cada vez mais firme, adaptaram-se. É o que se dá com a igreja ortodoxa. A nova igreja é para o poder dos Sovietes um simples e ocasional companheiro de viagem. Parece-nos entretanto que o seu movimento renovador ir-se-ha aprofundando á medida que se desenvolver o regimen dos Sovietes.



O fascismo

Para onde vai a Europa?

O fascismo é um fenómeno social essencialmente internacional. Apareceu durante a guerra e foi após a Revolução russa que se manifestou com precisão. Na Itália, onde — como diz Goethe no *Fuusto* — o sangue ferve, o fascismo desenvolveu-se numa maneira muito particular e foi o resultado da formidável tragédia económica e moral porque passou a pequena burguezia ao dar-se a desagregação do Estado burguez.

As classes medias italianas, são numerosas e influentes tanto nas cidades como nos campos.

Os seus grandes latifundios extremam com as culturas dos pequenos proprietarios (pequenos burguezes), incansaveis e economicos.

Antes da guerra, um grande numero destas propriedades rurais eram o resultado dum labor ininterrupto mantido durante 20 a 30 anos e á custa duma economia sordida.

Numerosas pequenas propriedades eram a resultante das economias dos operarios italianos que regressavam da emigração. Todos, ao partir, sonharam voltar ao país com um pequeno capital para nelle comprar um pedaço de terra. Fimda a guerra, o numero destes pequenos proprietarios rurais aumentou sensivelmente. Da mesma forma, na Italia, ao lado da grande industria que unicamente se desenvolveu no Norte do país durante os ultimos anos e que creou um proletariado industrial, existe uma pequena burguezia muito numerosa — a do comercio e a dos officios — que tem tradições seculares. Os pequenos proprietarios rurais, os pequenos comerciantes e os artifices representam na vida economica italiana um papel de alta importancia. E' nestes meios que se recrutam as forças intellectuaes italianas debaixo do ponto de vista politico, as quaes tomam posição nos dois partidos inimigos, presentemente em luta: o Partido Comunista e o Fascismo. Estes dois partidos recordam a these e a anti-these de Hegel e confirmam a lei social formulada por Marx no seu livro sobre *La revolution et la contre-revolution en Allemagne*: um partido revolucionario só nasce em face dum outro partido contra-revolucionario.

Ego (Turia)

PERMUTA

Temos recebido a visita dos nossos colegas na imprensa operaria e socialista — *O Protesto*, *O Armalista*, *O Eco do Arsenal*, *O Empregado no Comercio* (Colimbra), *Republica Social* (Porto).

O Protesto já por mais duma vez se nos tem referido em termos por geral agradaveis, facto a que não temos aludido por lapso lamentavel.

Se o fim da Revolução é essencialmente abolir o monopólio da riqueza e do poder e tornar impossivel a exploração do labor alheio, garantido a cada um a livre uso dos meios de produçao, nenhum a escolha poderíamos exercer sobre quem reivindicasse direito ao usufruto duma peça de terra, desde que a amanhã por essa proprias mãos, de contrario provocaríamos uma reacção mortal, apoiada nos proprios principios da Revolução.

Nuno Vasco

Ha pouco o sr. Stanley Baldwin, primeiro ministro Inglês, discursando em Oxford, declarou que a civilização europeia corria para a ruina. Igual pessimismo manifestam tambem outros condutores de povos — os srs. Lloyd Georges, Smuts e Nitú.

A palavra civilização, aqui, significa o estado actual de cousas — o regime burguez, com os seus esplendores e as suas chagas.

De facto, a crise do capitalismo é manifesta e só em Portugal os estadistas e os politicos pouco não darem por isso. E, no entanto, não manifesta é essa crise entre nós.

Fundando nos nas informações fornecidas, por um economista burguez, aliás muito distinto, o sr. Bento Carqueja, o rendimento bruto da riqueza nacional que era antes da guerra de 500.000 contos é atualmente de 1:200.000 contos.

Ora reduzindo estas importancias a ouro pelas cotações de 15 de junho de 1914 (5860 a libra ouro) e de 15 de junho de 1923 (100500 a libra-ouro) vê-se que o rendimento bruto de 1914, 89:285.000 libras, baixou para 11:763.000 libras, isto é, a riqueza nacional rende atualmente 13 %, apenas, do que rendia antes da guerra.

E' o galope desenfreado para a catastrofe irremediavel.

Abysus, abysum invocat. Por uma destas contradicções espantosas, nós vemos que a burguezia em vez de limitar os seus gastos mais perdulariamente esbanja as suas reservas. Sabe-se lá o que virá amanhã? E é ella propria que proclama, pela sua attitude, a maior desesperança no futuro.

A Europa oferece-se-nos atualmente o mesmo espectáculo que Roma no agonisar da sua republica. Os homens estão divididos por odios irreconciliaveis. Debaxo de cada capa tremula o punhal de Catilina. Os Estados individam-se como os grandes senhores daqueles tempos sem saberem quando e como poderão liquidar os seus debitos. O luxo refina. A carne apetecivel ostanta-se e adjudica-se a quem mais dá. Crasso deslumbra com as suas riquezas. Cesar aquieta as consciencias com o vil metal.

O que virá depois?

Ora o que virá! A Revolução purificadora, qualquer cousa como um cyclone formidando que derrubará muita cousa, que amontará destroços sobre destroços. E' o baquear dum mundo velho que se ataca na ignominia de todos os vicios, é a tarefa ciclopica de fazer surgir dos escombros acumulados todo um mundo novo.

Lançada na guerra, a Europa foi, durante esse periodo de mais de quatro anos, não só cobida de produzir as indispensaveis utilidades — todo o seu trabalho se consumiu na destruição — mas forçada tambem a esgotar os stocks que pacientemente accumulara.

Modificou-se esta situação depois da paz de Versailles?

De modo algum. E' ver o que se passa

entre nós. Todo o material fixo e circulante dos caminhos de ferro está reduzido e em parte o existente pouco menos de inutilizado. Outro tanto sucede com a maquinaria e a ferramentaria de toda a nossa industria. Produz-se menos, muito menos do que se produzia antes da guerra.

Em 1912 importaram-se 2:613.530 toneladas de mercadorias; em 1920 apenas 1:413.633 toneladas. Ora é sabido que a maior parte destas mercadorias são constituídas por materias primas para as industrias.

Produzindo-se menos exporta-se menos. Em 1912, exportámos 1:418.412 toneladas de mercadorias; em 1920, a nossa exportação foi de 910.823 toneladas.

Duplicou talvez o numero de escritorios e casas commerciaes, que não são instrumentos creadores de riquezas. Quer dizer, a mercadoria transita hoje por um maior numero de mãos do que transitava antes da guerra. E como todos estes intermediarios ganham, o consumidor paga mais.

Creou-se tambem um grande numero de bancos novos depois da guerra. E qual é a sua função no aumento da produção nacional? Absolutamente nula. A média e a pequena industria definham pela dificuldade do capital circulante e elevada taxa de juro.

Traduzido tudo isto em miúdos vê-se que as instituições capitalistas atingiram o seu periodo de falencia. Antes da guerra o capitalismo tendeu sempre para facilitar um maior aumento de produção. Os capitães accumulavam-se, isto é, dos lucros das empresas, uma parte era destinada a aumentar os meios de produção — abertura de novas fabricas e officinas, aquisição de maquinas, renovação constante do ferramental, etc. Não é isso o que succede hoje. Duma maneira geral, todo o lucro é absorvido pelos gastos dos empresarios. Ha pois uma desacumulação de capitães.

Esta crise do capitalismo tentam salvá-la. Como? Por atos de desespero. O fascismo é uma dessas manifestações. E' o ultimo clarão da lampada preste a extinguir-se. Não vem longe o dia da catastrofe, por mais esforços que se empreguem no sentido contrario. Não se alça o vulcão, vedando-lhe a cratera com um chapeu.

Para onde vai a Europa?
Para a Revolução, inevitavelmente.

J. Carlos Bates

Em nome da liberdade de trabalho consagra-se a do capitalista explorar á sua vontade o trabalhador, e para o trabalhador a obrigação de se embuster.

Estas liberdades, prodigamente concedidas a alguns, são tão frías como o tertia a liberdade do agulheiro manobrar as agulhas a operar as maquinas de via ao sabor dos seus caprichos.

Para todos a liberdade é, não a liberdade, que cada significa, mas o poder social e material de estender as suas necessidades naturaes ou adquiridas. Proponho de aqui em diante os meios de desenvolvimento e de aplicação das facilidades orgánicas, ou por outros termos, da universalização da instrução e da qualificação das forças productivas, a verdadeira liberdade implica a ação comuna, a solidariedade.

Duarte



ORGANIZAÇÃO COMUNISTA, MEIOS E FINS

A guerra e as crises capitalistas

A espantosa carnificina de 1914-1918 é pois um fruto do capitalismo. E ainda aqui se corre atrás duma nova ilusão.

Sopunha-se que a guerra, pela eficiência dos armamentos modernos, se tornaria uma luta rápida, embora espantosamente mortífera, sem contudo se converter numa catastrofe económica irreparável. Afinal a luta ingente protraiu-se por mais de quatro longos anos, destruindo o trabalho acumulado de muitas gerações e deixando os povos arrasados e as nações empobrecidas. A desgraça atingiu vencedores e vencidos, fazendo-os retroceder ao ponto de partida, isto é, colocou-os na inevitabilidade de novas guerras imperialistas.

Durante a guerra, para atender as múltiplas necessidades dos povos e dos exércitos, os países beligerantes rapidamente esgotaram as suas reservas-curo com as aquisições que foram forçadas a fazer nos mercados externos. E como as necessidades de aquisição, pelo prolongamento da guerra, eram cada vez mais instantes, os beligerantes recorreram-se de sucessivas emissões de papel inconvertível.

Uma crise financeira profunda avassalou-os. O aumento da circulação fiduciária, a diminuição da capacidade de produção pelo desvio de milhares de braços para os campos de batalha e para as indústrias de guerra, determinaram a criação de poderosos consórcios monopolizadores que apampeararam os produtos industriais, as matérias primas e os alimentos e aceleraram a rápida capitalização dos grandes lucros. A acumulação e concentração vertiginosa dos capitais geraram novas empresas e o capital disponível e ávido de colocação adquire tudo o que não esteja sujeito a uma depreciação rápida — as terras, os prédios urbanos, as máquinas, etc. Não se discutem preços.

O preço das coisas eleva-se de maneira pavorosa e a potencia da compra dos salários comprime-se e reduz-se porque aumentando os salários estes são incorporados nos lucros capitalistas, indo buscar-se ao consumidor, em novos agravamentos de preços, o que se concedera ao produtor.

A guerra cessou. Mas o esgotamento de recursos, a necessidade de reparar os males da guerra, impeliu de novo os Estados beligerantes ao recurso de novas emissões de papel e por consequência ao agravamento das crises financeiras.

De todos os países beligerantes era a Inglaterra o único cuja moeda não sofrera sensível desvalorização porque, senão sempre do mar, continuara a tirar proveito da sua privilegiada situação marítima. A Inglaterra dispunha dum timoneiro astuto como Lloyd Georges, fazia com uma mão a guerra e com a outra o comércio, apostando-se nos mercados que os outros beligerantes eram forçados a abandonar.

E assim os países apresentam-se divididos em dois grupos distintos — os de câmbios altos e os de câmbios baixos.

Em ambos os grupos fermenta a mesma desordem social, alastra a mesma crise inevitável, embora com aspectos e causas diferentes.

Nos países de câmbios altos, os Estados Unidos e a Inglaterra, surgiu o problema do desemprego. Milhares e milhares de braços se quedam inertes, há fome nos lares, há rebeldias ameaçadoras. É que a moeda valorizada constitui uma barreira formidável contra a exportação. O desequilíbrio monetário internacional impede e dificulta a venda nos mercados e inversamente facilita e impulsiona a venda noutros. Logo, para o capitalismo dos países de moeda valorizada, a necessidade de reduzir a produção, a conveniência de encerrar fabricas, a fatalidade de efetuar despedimentos em massa.

Nos países de moeda desvalorizada, como o nosso, dá-se o fenómeno inverso, evitam-se as importações e os países cuja moeda se valorizou estabelecem nestes mercados uma tal concorrência na procura que os produtos atingem preços fabulosos.

Por toda a parte o capitalismo procura soluções à crise que o avassala e cada solução nova que busca é um novo desastamento que sofre a ofensiva desmedida contra os salários resultando

numa restrição da capacidade de compra, o que é uma solução anti-burguesa. É evidente que o que convém ao capitalismo é o aumento da capacidade de consumo da população. E tendo falhado a tentativa da redução dos salários, o capitalismo lança-se de novo na conquista dos mercados económicos. Estamos na perspectiva de novas guerras.

A Inglaterra e a França malquistam-se no Oriente, com os turcos, cujo conflito, caía uma daquelas nações procura resolver em proveito próprio. A França lança-se por outro lado na aventura do Ruhr. E não fazemos dos Estados nascidos — a Polónia, a Lituânia, a Tcheco-Slováquia, etc., cada um um bom pilar no vitral das melhores posições geográficas de comércio ou os centros produtores industriais.

Estado proletário e Estado democrático

Foi no decorrer da guerra imperialista que surgiu o primeiro Estado proletário. Circunstâncias excepcionais, a energia e decisão indomitas e uma consciente visão dos objetivos revolucionários da parte dos *leaders* bolchevistas, determinar em este formidável acontecimento histórico na Rússia o Castrismo.

Bloqueada por mil obstáculos de natureza variada, vivo duma guerra feroz e caluções por parte de todos os capitalismos e de todos os Estados, democráticos e não democráticos, asseberada e a guerra civil, emperrada e encorpeada pelo seu atraso industrial, deturpada ignominiosamente por alguns grupos *anti-dissidentes* socialistas e agrupamentos operários, a Revolução russa refugiu triunfante apesar de tudo, a energia e a capacidade dos seus dirigentes sobre com galhardia todas as dificuldades.

Certos espíritos de crítica fácil mas absolutamente alheios das realizações positivas teimam em ver no Estado proletário uma mudança de nome apenas do antigo Estado histórico e burguez.

O Estado proletário não é um organismo de equilíbrio para as diversas classes que compõem a Sociedade. É pelo contrario um organismo profundamente de carácter operário que se propõe realizar todas as condições de ambiência para o comunismo.

O Estado proletário russo socialista no todo a propriedade dos meios de produção. Se o regime de trabalho e a distribuição, se, enfim, substituem cert. s formulas do capitalismo e se se apoia num exército poderoso, de quem a cul a?

Não é difícil verificar que a Rússia era dos países da Europa um dos mais atrasados industrialmente e que uma das condições indispensáveis à prática da economia comunista é a superprodução ou o resultado duma larga lista de indústrias apetrechadas de maquinaria moderna.

Não é também difícil demonstrar que a falta de aptidões técnicas do proletariado russo e que o egoísmo dos 120 milhões de camponeses obrigam a transigências dolorosas, factos que se não de repetir mais ou menos em todos os países pois não é crível que em parte alguma a Revolução encontre um estado de maturação completa que determine a implantação rápida dum comunismo perfeito sem nenhuma espécie de transição.

Finalmente temos a sub-intenção dum Exército Vermelho, facto este que serve aos jornalistas burguezes e aos declamadores anarquistas — como eles se encontram! — para mostrar-nos o Estado do proletariado como qualquer outro Estado, de idêntica constituição e de objetivos idênticos. O que seria da Revolução russa, a quem o proletariado dos outros países — exército a Hungria e a Baviera — não poule ou não quis responder com o seu esforço? Sem o Exército Vermelho e que seria do novel Estado proletário atestado de todos os laços pelos capitalismos ligados?

Em contrapartida pode-se avaliar bem o que valeem os Estados de base democrática mesmo engendrados por uma Revolução que se batia de socialista. Ai temos a Alemanha dos Ebert, dos Noske, dos Brühauidem. Já lá vão quasi cinco annos sobre a fundada do poder pelos social-democratas e a obra de socialização não foi sequer iniciada. Ai temos patente o fruto da Revolução sem ditadura e do respeito por uma pro-

cedida legalidade. A Alemanha é uma república socialista onde preponderam os Hugo Stinnes, os Thyssen e os Krupp. Entre a Alemanha de Guilherme II e a de Ebert não há uma diferença essencial no modo de ser politico e economico. O mesmo não se poderá dizer com justiça do Estado proletário russo em relação ao Estado democrático alemão.

As forças da Revolução

Para nós, como para Marx, as transformações sociais não são mais do que o resultado duma luta entre classes cujos interesses economicos são antagonicos.

A luta entre o capitalismo e o proletariado está travada há muito e não cessa e já hoje dividida o seu resultado.

As condições economicas engendradas pelo regime capitalista estão entravadas pela evolução natural do proprio regime e tendem fatalmente a desapparear o molha capitalista que as não pôde coexistir.

Todavia a concentração capitalista não se opera duma maneira tão rápida e tão completa como se chegou a supor, determinando uma consequente proletarianização das classes indeterminadas, isto é, daquelas classes que flutuam entre o capitalismo e o proletariado — os camponeses sem-terra do solo, os pequenos industriais, os comerciantes, etc. e c.

Verifica-se até que o proletariado depois de ter atingido um certo desenvolvimento tende a restringir-se numericamente. E isto explica-se.

O desenvolvimento da maquinaria nas indústrias vai dispensando dia a dia um grande numero de braços. O pequeno industrial suprido pelo movimento da concentração fabril deriva para outras occupações e converte-se geralmente num agente das forças capitalistas em vez de regressar ao proletariado. O capitalista escoa os seus sub-chefes e agentes e distribuição a quem dá uma participação de lucros. Estes individuos cujo numero tem aumentado serão fatalmente arrastados e esmagados na crise capitalista que se desenha.

E os operários dispensados pela maquinaria? Para estes arranja-se um outro expediente. Uma boa parte deles entra na burocracia. De facto, em todos os Estados se verifica constantemente o volume de esto dos funcionarios publicos, desde a policia que é recrutada entre os trabalhadores do campo até aos funcionarios tecnicos e de carteira, que saem da cidade. Estes que no periodo normal da gestão dos Estados vivem com certo conforto e garantias de estabilidade veem hoje a sua situação gravemente ameaçada e incomportável.

Em Portugal, como habitualmente no outros países, esta situação desenvolve-se com muita nitidez, desde que a guerra se arrelois por o Estado uma profunda e insolvel crise financeira. O funcionamento civil e militar, viu os seus vencimentos multiplicados por 8 a 10 no passo que o custo da vida atingiu o coeficiente 15. E sem esta classe que serviu e serviria ainda de um apoio ao capitalismo e que tem uma incontestável importancia pela sua enxada tanques que sempre têm, vê-se-lhe forçada a colaborar na Redução do proletariado. Procurar restabelecer o equilibrio perdido, melhorando os vencimentos desta classe, e agravar com novos encargos a crise financeira do Estado.

Em resumo, para o proletariado accentua-se de todos os modos a possibilidade do triunfo. E se é verdade que alguns países o proletariado não aumenta, não sofre dividida e os aumentos os *feitos* sindicais e socialistas revolucionarios.

É inútil insistir na influencia que a Revolução russa e a existência do primeiro Estado proletário exercem nas massas trabalhadoras e no curso do futuro desenvolvimento da luta e da vida do comunismo e adormecimento indolentes pelos social-democratas ou desorientadas pela não menos nociva pregação de revolucionarios burocraticos.

É o olhos postos em Moscovo, agradecida por tanta nobreza e sacrificio, haviendo forças e em momentos que a parte do proletariado se apresta em ir à parte para e bat-las decisivas, ce ta do triunfo que lhe está reapetido.

É certo. Nem todas as forças do proletariado são com Moscov. Moscov lançou uma disciplina rígida e o comando unico. E porque assim é ha individuos e grupos empenhados numa obra de verdadeiro sacrificio contra os interesses do operariado.

Fabricação de calçado
EM TODOS OS GENEROS
BATA MANSAS, SANDALIAS E TAPACHES

LEANDRO GOMES

22-A Rua do Registo Civil 22-A
LISBOA

Trabalhos artisticos
em todos os
generos

LITOGRAFIA

Cristiano de Carvalho

Rua da Alegria, 132
PORTO

OPICINAS:
Avenida 5 d'Outubro 67
SECRETARIO:
CALÇADA DO CARNE, 25-2º-2.

Esta Empresa encarrega-se da execução de todos os trabalhos tipograficos, tais como: cartões de visita, envelopes, relatorios, jornais, livros, etc., por preços inferior aos de qualquer outra empresa congêner e execução rápida e perfeita.

Telef. n.º 4110

SOCIEDADE LUSITANA DE ALIMENTAÇÃO, L.ª

Mercearias p. r. atacado e por menor
Especialidade em champagnes, uceres e vinhos do Porto.

63-65-RUA 20 DE ABRIL-69-71
LISBOA

Telef. 4103 N.

Fabrica de Tornos e valvas de todos os sistemas
Canalização para agua e gas
Instalações electricas

Nacional Metalurgica, L.ª
292, Rua do Samborombano, 292

Fundição e Forjas
SERRALHERIA MECANICA E TORNOS e CALDEIRARIA
01411

JOSÉ VIEIRA
CONSTRUTOR CIVIL

Encarrega-se, por preços módicos, de todos os trabalhos da construção civil, restauração de moveis, pinturas, decorações, forrações de casas a papel, estuques, taboietas e armações, etc.

OPICINA
RUA DE CARRASCO DOS FERREIROS, 111, PUNTA 2.
LISBOA

CARDOSO & OLIVEIRA

Calçado para homem senhora e criança
Encarrega-se de todos os trabalhos por medidas
Empregam-se as melhores materias primas, tecidos e estrangeiros

26, Rua dos Poiaes de S. Bento, 26
LISBOA

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALACAO DE CA. MOTORES, ASCENSORES, CAMPAINHAS, PARA-RAIOS, ETC.

Canalizações para agua e gas
Pisos aos melhores preços do mercado
Tulipas ao preço da fabrica

ELECTRICITY

Grande sortido de condutores de paraf. de suspensão e portalaes
Esquentadores, ferros de engomar e todo o demais material electrico nas melhores condições

R. Nova do Almada, 16
Telef. C. 5629 Lisboa

OS MISERAVEIS

A obra monumental de Victor Hugo, edição ilustrada a tomos de 860

Brevemente
O ALALIO MUTUO de Pedro Kropotkin e **A PECADORA DA GALILEIA** por René Emery.

Gráfica tipografica, officina de escriptorio e estalagem, cartões, etc., etc., etc.

Pedidos a **GIORGIO BORGESCO**
JOAQUIM CARDOSO, LIMITADA
RUA DOS POIAES DE S. BENTO, N.º 27
LISBOA

Valerio, Lopes & Ferreira, L.ª
FERRAGENS e FERRAMENTAS

Metais, entelaria, talhados, longa esmalhada, para-fusos, fundos para caldeiras, guarnições para azeis

Chapa ferro preto e aluminada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balão, pesos e medidas, cravo p. serrador, serras circulares e de fita, etc.

1188, Rua de S. Bento, 1188
1188 - LISBOA

Trabalhos tipograficos em todos os generos

IMPRESSA LISBOENSE, L.ª

Impressão de livros, jornais, revistas, etc.

Rua da Processão, 78, 1.ª
Travessa do Jardim, 12
LISBOA

"O COMERCIAL"

Chapelaria e Sapataria

DE
Antonio d'Oliveira

19, Rua do Rato, 2
SU UNICAL
89, R. Poiaes S. Bento, 93

PREÇOS RESUMIDOS